

# SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna

Número  
dedicado a  
**CRUZ E  
SOUZA**

---

---



Capa:  
**MOACIR  
FERNANDES**

Ano 1

Preço: Cr\$ 2,00

N.º 3

# Deuses e demônios

Anibal N. Pires

## Telegrama

Da Câmara de Vereadores de Florianópolis, um honroso telegrama, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

“Câmara Municipal Florianópolis considerando aparecimento revista “SUL” tem grande significado campo atividades culturais e artísticas deste município principalmente pelo carater renovador de que se reveste nova publicação congratula-se vossência por este auspicioso acontecimento desejando que CAM continue em suas atividades culturais pelo bem nosso povo.

At. Sauds.

**BATISTA PEREIRA**  
Presidente

*Possuo dentro de mim  
Sinfonias dolentes  
E carícias brancas  
Para te oferecer  
Na madrugada luminosa  
Da tua realização.*

*Tenho dentro de mim  
Os sons languês  
Do violão  
E a música envolvente  
Dos violinos;  
Trago dentro de mim  
O lirismo suave  
De todos os poetas  
Para te oferecer  
Na alvorada luminosa  
Da tua realização.*

*Guardo dentro de mim  
Deuses e demônios;  
Demônios de prazeres  
E deuses que perdiam  
Todos os teus pecados*

*... E na madrugada luminosa  
Da tua realização  
Os deuses e demônios  
Te unirão  
Com carícias brancas,  
Poemas líricos,  
Com sons dolentes e envolventes  
De violões e violinos*

*Os deuses e demônios  
Te felicitarão  
Com prazeres mornos  
E selvagens;  
Com prazeres lascivos  
E indomáveis,  
Na madrugada luminosa  
Da tua realização.*

# Atualismo de Cruz e Souza

Salim Miguel

A poesia, em todas as épocas, tem tido os seus renovadores, os que se rebelam contra as formas preestabelecidas, os que buscam dar uma contribuição própria e não simplesmente imitar, copiar, seguir uma escola. Encontram esses inovadores, como não podia deixar de ser, a reação violenta dos que estão acomodados e não querem fazer um esforço, modificar um pensamento ou uma idéia, mesmo sabendo que estão errados. Por comodismo. Reacionarismo.

A poesia, como tudo o mais na vida, não pode estacionar. Ela tem que evoluir, tem que se mexer, tem que acompanhar o homem. Sem isto, ela permanecerá estagnada — e a estagnação é a morte. Pois como já dissemos em outro artigo, «o conceito absoluto das coisas, ruína». Uma coisa não «é». Uma coisa «é» e «não é» ao mesmo tempo. Tudo, hoje, é relativo. E não só hoje. Mas sempre foi assim. Uma revolução, uma mudança sucedendo à outra.

Na nossa opinião, não existe, não pode existir uma «escola», um grupo. Existem «escolas» porque cada um faz a sua escola. Esse agrupamento que se chama de «escola», nada mais é do que de vultos que tem leves semelhanças de estilo, de pensar, alguns toques que os identifiquem. A rigor não formam «escolas», mas agrupamentos que, as vezes, apesar desses pontos de contacto, divergem profundamente. E eis aí porque, não muito corretamente aliás, se chamam de «escolas»; porque é a reação de um grupo contra outro. Cada época tem a sua «escola» — empreguemos o termo em falta de outro melhor — que a representa e com ela passa.

O simbolismo foi uma reação contra o parnasianismo. As raízes do simbolismo se perdem no misticismo antigo.

Os simbolistas, ao contrário dos parnasianos que levavam o culto da forma até o absurdo, tentavam exprimir suas idéias, evocando os objetos que os representavam.

No Brasil, o maior vulto simbolista foi Cruz e Souza, nascido em 1861 e cujo cinquentenário da morte se comemora a 19 de março deste ano.

Cruz e Souza trouxe para o simbolismo uma contribuição valiosa, valorizando a frase, dando-lhe uma cadência quasi negra, de «tan-tan» africano. O simbolismo de Cruz e Souza, ainda que diretamente proveniente dos franceses, não se filia ao simbolismo francês. Traz laivos do alemão, mas também não se filia a este. Nem a qualquer outro. É de Cruz e Souza. Só dele. Nasceu e morreu com ele. Ninguém antes ou depois dele, deu uma valorização tão completa ao símbolo. Em sua poesia temos a impressão de vagar, de nos perdemos no eter, e sermos parte do odo, de sentirmos a angustia vaga e diluída em brumas do poeta, pairar sobre nós. A imprecisão de contornos e vocábulos, o misticismo, e de longe em longe um verbalismo exagerado. Muitas de suas frases são onomatopaicas, dão-nos a impressão exata da «coisa»:

«Vozes veladas, veludosas vozes  
Volúpias dos violões, vozes veladas  
Vagam nos velhos vórtices velozes  
Dos ventos; vivas, vans, vulcanizadas».

São as vozes, é o vento, são os violões, as cordas, que a gente ouve, sente, vê. É a valorização, o aproveitamento do som, para significar a «coisa», o estado da alma, a emoção. A poesia de Cruz e Souza é dirigida principalmente aos sentidos. Ela nos atordoa, nos abate. As vezes é o arrojo, a revolta do negro contra o destino:

Ah! Toda alma num carcere anda presa,  
Soluçando nas trevas entre grades  
Do calabouço olhando imensidades,  
Mares, estrélas, tardes, natureza

Outros, como em «Vida Obscura», é a dor pungente, a tristeza, a saudade e pena de si mesmo:

«Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro  
Ó ser humilde entre os humildes seres».

E outras vezes ainda é a submissão, o conformismo, de quem se abate e entrega a todas as maguas, ao desespero. De quem vê a inutilidade de tudo. E o poeta comove-se e soluça ante a dor da humanidade inteira. Porque a dor da humanidade inteira está resumida na dor que vai na alma do poeta. E na tristeza. E no desgosto. E o poeta como se não lhe bastas — sem os desgostos, os vexames que sofre por causa dos preconceitos de côr, por causa da doença própria, tem ainda, as doenças da família, a morte de todos os seus e o desprezo da crítica que não lhe reconhece o valor, que olha com pouco caso para sua obra. É amarga, em verdade, a vida do poeta. E todo esse amargor se reflete em seus versos.

Não desconhecemos, nem negamos os defeitos da poesia de Cruz e Souza. Demasiado hermetismo, leve tendências para o penumbrismo, um mau gosto as vezes excessivo pelas frases de efeito fácil, verbalismo... Mas, a par disto, alcança momentos de verdadeira poesia, como por exemplo, nos sonetos «O Cristo de Beozes», «Vida Obscura» ou em vários trechos de «Anthifonas» e em muitos outros trabalhos.

## "Nenhuma peça teatral deve acabar ao cair o pano"

## ARTES PLÁSTICAS

# CRITICAR OS CRÍTICOS

PARA O "SUL"

Q. Campofiorito

Porque não criticar os críticos, e com a mesma severidade como eles atiram a sua opinião sobre uma obra de arte ou sobre um artista?

Assim como há bons e maus artistas, há também bons e maus críticos de arte. Não vai nisto que dizemos nenhuma novidade. Mais vai uma relevante verdade.

O crítico seleciona a obra de arte ou o artista. Nada mais natural que também ele sofra seleção idêntica.

Não queremos sugerir que todos os críticos devam dizer a mesma couza, ter uma mesma opinião. Admitindo e reconhecendo mesmo que cada qual deva ter o seu ponto de vista pessoal, não implica isto na aceitação de qualquer opinião que se fomente sobre arte ou sobre a capacidade pessoal de um artista.

Ha opiniões diversas que sustentam autoridade, mas para isso se faz necessário que aquele que a emite consiga apoiá-las numa experiência e numa cultura fora de dúvida.

Ha ainda a considerar, e muito, a decorrência do instinto, ou sejam os requisitos de uma inclinação individual; condição inata.

Ha pois os bons e os maus críticos; os que informam bem o público e os que o deseducam; retendo o na mais impropria e lamentável incompreensão da Arte.

Separaremos o trigo do joio; na crítica de arte do mesmo modo como se pretende selecionar os artistas.

No Teatro Nacional de Varsóvia realizou-se uma «avant-première» da peça «Casa perto de Oswiecim» de autoria do jovem e talentoso escritor Tadeusz Holuj. Ao terminar a peça abriu-se um debate entre o público e o autor.

A peça de Holuj passa-se em fins de 1944 e na primavera de 1945 e retrata o martírio dos prisioneiros do campo de extermínio de Oswiecim, a luta da Resistência contra o ocupante; abordando ainda vários problemas, dos quais o mais importante é o de responsabilidade pela colaboração; pela «tendência a sobreviver por qualquer preço, inclusive pelo preço de crime».

Na discussão; que se seguiu o diretor do Departamento do Teatro do Ministério de Cultura e Belas Artes St. R. Dobrowolski, frisou de início as vantagens deste gênero de contato direto entre o público e o autor. Vários oradores salientaram as qualidades da peça, ou seja a pintura fiel da vida sob a ocupação e a acentuação das verdades e franquezas humanas. Mas a discussão versou sobretudo sobre um único aspecto da peça: várias pessoas consideraram um tanto confusa a posição do autor, que deu á sua peça um desfecho em que não se procura dar uma solução aos problemas esboçados. Outros porém, dirigiram ao autor os mais francos aplausos pelo fato de não ter assumido uma posição definida, deixando ao público a liberdade de julgamento.

Encerrando a discussão falou o «acusado», a quem cabia de direito «a última palavra». Holuj disse: «O objetivo da arte não é emitir julgamentos ou tirar conclusões, mas simplesmente expor diante do público os problemas. Nenhuma peça deve acabar ao cair o pano. Se minha peça provocar discussões, considerarei que atingiu o seu objetivo».

### Sr. Comerciante

Anunciar em SUL, além de dar divulgação ao seu negócio, é um apoio decisivo, prestado á nova geração catarinense.

## CARTA

Meus amigos de «Sul»

Recebi alguns exemplares da revista vocês me pedem uma opinião. Isso assim fica muito solene quando se diz por escrito e em geral as coisas solenes são detestáveis. Só posso me confessar prático de admirado com uma publicação do nível intelectual dessa que vocês me mandaram. — Isso vocês vão me perdoar o lugar comum isso reanima a gente, essa constatação de que deve existir ainda pelo Brasil alguns núcleos de intelectuais (é horrível esta mais não há outra) intelectuais de vanguarda da que compreendem este momento do mundo, da arte no mundo, dos rumos inesperados que as coisas do espírito vão tomando. Tenho a impressão de que vocês transportam para cá o melhor que vai pela França, que é o melhor do mundo. Essas preocupações com Sartre, com o cinema e o teatro em suas últimas manifestações, mas principalmente com a literatura de após guerra, tudo isso afirma definitivamente o valor de vocês, e espero que vocês não tenham nenhuma dúvida sobre a verdade e a excelência do caminho que escolheram. Aqui vai para vocês meu caloroso aperto de mão.

cordialmente

Reinaldo Moura

Diretor da Biblioteca Pública, de Porto Alegre

## LIVRARIA MODERNA

- de -

PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar, livros didáticos, papelaria e artigos de escritório em geral.

Rua Felipe Schmidt, 8

FLORIANÓPOLIS

## SUL

Revista do Circulo de Arte Moderna

Redação:

Rua Conselheiro Mafra, 157

Florianópolis, S. C.

Diretor:

Anibal Nunes Pires

Diretor de Redação:

Ody F. e S.

Gerentes:

Salim Miguel

Hamilton V. Ferreira

Redatores:

Fúlvio Vieira

Eglê Malheiros

Antônio Paladino

Layla Freysleben

Armando S. Carreirão

Publicidade:

Aldo Sagaz

Colaboradores:

João Tito Silva

Cláudio Bousfield Vieira

Lídio Martinho Callado

Ilustradores:

Alfredo Meyer

Walter Wendhausen

Luiz H. Baptista

Os originais, mesmo não aceitos, ficam na redação.

Todos os artigos são assinados e decorrem, as responsabilidades, de seus autores.

Assinatura por doze números: Cr\$ 24,00

Preço por exemplar: Cr\$ 2,00

# A tarde imóvel

Reinaldo Moura

Poema inédito, especial para «Sul»

Aqui ao lado o conflito possível, o projétil cego perfurando, a vida ainda anônima, póde! Um grito, a catástrofe. Depois o comentário interminável e a eternidade da tua indiferença, a tua imobilidade para sempre velozmente apodrecendo.

Aqui no fundo da noite do corpo póde chegar o momento da ruptura — fina aresta no tempo — póde! A figura escura tombando. Póde!

Na avenida do teu futuro próximo dentro de duas horas e cinco minutos a cinzenta limousine, o guidon da loucura de pupilas de álcool que se distraem, uma interferência, o inevitável, o choque final. Póde!

Agora estás no bar numa roda de amigos, o outono na tarde amena.

Olhas de vez em quando as árvores na vidraça oscilando lentas lâminas amarelas.

Bebe o teu chope. Será o último? não sabes... Oh, ninguém, nunca ninguém sabe.... Póde!

A gelada cerveja da calma na hora mansa da tarde em repouso, conversando. As máscaras dos amigos tão cotidianas que todos os homens parecem homens imediatos na simplicidade ingênua da vida e não destinos indecifráveis.

Todos nós cotidianos e para sempre como pequenos deuses imortais

Com as vidinhas de cada um em satisfações particulares. A filha, o marido, a mãe, o negócio, a distante fábrica, o poema inacabado, a perda oculta no jogo, adiando a intervenção cirúrgica, a leitura abandonada voltando de longe subterrânea e de máscara, os óculos, o almoço, o cinema, as cartas para o correio.

Um momento de intervalo entre dois comercios, e o riso.

Bebe o teu chope. O riso, o cigarro, eis o momento da anedota. És feliz.

Se dilata em tuas narinas distraídas o aroma do lúpulo

E por um instante involuntário te recordas rapidamente de Erna.

Um instante na cinza do bar, dourado. Passou.

Plasma na tua garganta uma satisfação espessa o sabor gelado. Prosit!

Mais um minuto. A bruma do tempo entre as conversas se estagnou. És feliz.

Será teu último copo de cerveja? Não sabes.... Ninguém sabe quando....

À tarde mansa. O outono transparente entardecendo entre os ramos imóveis.

A campânula azul da noite que vem perto. O copo vazio com o tênue círculo de espuma morta ficou dourado. O sol se despedindo.

Será de ti? Não sabes. Nunca se sabe.... Mais um chope. Prosit!



# ATUALISMO DE CRUZ E SOUZA

(Continuação)

Cruz e Souza é um dos melhores exemplos de que o academismo tem horror, é refratário a tudo o que é inovação. A poesia de Cruz e Souza, para a época, era revolucionária. Vinha desbancar os medalhões, trasia coisas novas, dar mais vida, mais vigor a uma poesia que estava se perdendo por demasiadamente presa à forma.

A crítica, a princípio, não tomou conhecimento da poesia de Cruz e Souza. E mais tarde quando não foi mais possível ignorá-la, somente lhe encontrou defeitos. Buscava as menores falhas e delas fazia verdadeiros «cavalos de batalha». José Veríssimo falando de «Broquéis», diz:

«E a falta de emoção real, acaso o traço característico desses versos, é tal que surpreende.»

Nada mais falso. Nada menos real. Um dos pontos mais fortes, que mais justamente caracterizam a poesia de Cruz e Souza é a emoção. Seus versos transbordam de emoção. São versos dirigidos quasi que completamente aos sentidos, ao sentimento. Cruz e Souza captou tudo que a sua alma de negro pôde lhe oferecer. A dolência maguada da raça. Os entimento poético, O lirismo. E seus versos são de uma plasticidade rítmica total, a valorização completa do ritmo, da musicalidade,

Noutro trecho de sua crítica, aliás injusta e ferina, diz José Veríssimo:

«Uma ingenua presunção, nenhum pudor em elogiar-se e sobretudo nenhuma compreensão ou sequer intenção do movimento artístico que pretende seguir.»

Para se observar a parcialidade de José Veríssimo, o seu julgamento — quasi que diríamos apriori — apressado, é bastante ler as poesias de Cruz e Souza. Nada de presunção. Nada de cabotinismo. Nenhum desejo de se elogiar. Apenas o de mostrar-se como é, se isto é possível. Um ser complexo, torturado, cheio de recalques. Suas poesias vem naturalmente, sem esforço, sem sacrifício, instintivamente, libertamente, são uma necessidade do poeta, são um «extrasamento».

Quanto ao terceiro ponto, Cruz e Souza procurava um rumo, por si mesmo, sem mestres, sem guia. Era necessariamente obrigado a tatear, a buscar o que melhor servia para o seu temperamento, a custa de esforço próprio. Tinha num meio hostil, que fazer os maiores sacrifícios para poder tentar uma busca que ele não sabia se seria proveitosa ou infrutífera. Por isso, é que alguns de seus versos melhor se situariam no parnasianismo ou mesmo no romantismo. Eis porque não tem razão José Veríssimo quando diz que Cruz e Souza não tinha «intensão do movimento artístico que pretende seguir». Tinha. Porém instintivamente. E foi instintivamente que descobriu o rumo certo. A respeito vejamos o que diz Agripino Grieco:

«Não foi absolutamente (Cruz e Souza) um compra-chicos», um fabricante de monstros. Foi simplesmente o mais instintivo, o mais espontâneo dos poetas. Nada possuía de livresco. Ao contrário dos que se queixam de ter lido todos os livros, o poeta catarinense quasi que não leu coisa alguma. Esse plagiador de Deus tinha em casa um dicionário e a sua alma; a arca dos vocábulos e o sopro vivificador de uma grande emoção.»

Cruz e Souza lutou muito e sofreu muito. Por isso suas poesias são repletas de dor. Deixam-nos um laivo amargo, um travo de desgosto. É a alma africana aprisionada, é o preto diante do branco, superior por ser branco, tão somente por ser branco. Aliás um outro ponto muito digno de estudo é a obsessão do branco na poesia de Cruz e Souza, Seus versos estão repletos de branco, alvas, clarezas:

«Ó formas alvas, brancas, formas claras  
de luars, de neves, de neblinas  
Ó formas vagas, fluidas, cristalinas...»

As formas imortais, claras e ufanas  
Da graça grega, da beleza pura,  
Resplendem na anagógica brancura  
Dêsse teu corpo de emoções profanas.

Ó Mãos eburneas, Mãos de claros veios,  
Exquisitas tulipas delicadas,  
Lânguidas Mãos sutis e abandonadas,  
Finas e brancas, no esplendor dos seios,

Sejam benditas, imortalizadas  
As almas castamente amortalhadas  
Na tua estranha e branca Majestade!

Como abrem azas brancas de clemência  
As harmonias dos violões que falam!

Fulgem da luz os viáticos serenos,  
Branças, Extrema-Unções dos hostiários:  
As Estrelas dos límpicos Sacrários,  
A nívea Lua sobre a paz dos ferros

Sereias brancas da região do Oriente,  
Ó visões peregrinas!

Solidão de uma praia extrema e nua,  
Onde trágica e densa  
Chora seus lírios virginais a Lua  
Lividamente imensa.

Fiquemos aqui, porém poderíamos citar indefinidamente. A obsessão do branco, o complexo de inferioridade, a maldita pigmentação, a doença, eis motivos para estudos acurados e que delinearão o Cruz e Souza verdadeiro. Quanto de ódio acumulado, de desejo recalçado, de mágoa, de dor, de despeito, de reconhecimento do próprio valor e se ver preterido diante dos brancos, menospresado. E a angustia de séculos de escravidão, e a incapacidade de rebelar-se, e o desabafo nos versos, deixando extravasar toda a alma, tudo que lhe enchia o peito. Aliviar-se.

Numa observação muito justa, Ronald de Carvalho acha que Cruz e Souza possui:

«O satanismo de Baudelaire se mistura, na sua poesia, ao ceticismo melancólico, ao ceticismo morbido de Antero de Quental.»

E Ronald de Carvalho acrescenta num trecho magistral que melhor resume Cruz e Souza: «O mundo ficava em torno da sua dor e de tal maneira lhe pesava sobre a alma insatisfeita e sofredora, que ele não soube traduzi-las senão em imprecações desesperadas e alucinantes. Não há quasi um verso seu que não seja um grito contra a opressão do ambiente que o cercava, grito nascido mais do instinto da raça que da consciência da vida»

Cruz e Souza pode, sem deslustre algum, figurar ao lado das mais altas figuras do simbolismo: Mallarmé, Verlaine, Rimbaud, Stefan George, Rainer Maria Rilke, etc.

Atualismo de Cruz e Souza? Por que?

Sim, atualismo de Cruz e Souza porque somente agora os críticos literários estão lhe dando o lugar que merece na poética nacional. E lugar dos mais proeminentes, pois ele é uma das mais altas vozes da poesia brasileira.

Depois de seus companheiros, com Nestor Vitor e Virgílio Varzea à frente, o primeiro a lhe dedicar maior atenção foi

(Continua na pág. 8)

# Mãos

CRUZ E SOUZA



Ilustrou MOACIR FERNANDES

O' mãos eburneas, Mãos de claros veios,  
Exquisitas tulipas delicadas,  
Lânguidas Mãos sutis e abandonadas,  
Finas e brancas; no esplendor dos seios

Mãos etéricas. diáfanas de enleios,  
De eflúvios e de graças perfumadas  
Relíquias imortais de eras sagradas  
De antigos templos de relíquias cheios.

Mãos onde vagam todos os segredos,  
Onde dos ciúmes tenebrosos, tredos,  
Circula o sangue apaixonado e forte.

Mãos que eu amei, no féretro medonho  
Frias, já murchas, na fluidez do Sonho,  
Nos mistérios simbólicos da Morte!

# Os anjos

Peça em 1 ato de ODY F. e S.

*«L'homme n'est ni ange ni bête,  
et le malheur veut qui veut  
faire l'ange fait la bête».*

PASCAL

*«Aquele, cujos desejos tiverem o seu  
cumprimento, e que tem consciência  
do verdadeiro Eu, se lhe esvanecem  
os desejos, mesmo aqui na terra».*

MUNDAKA-UPANISHADA

## PERSONAGENS

OMAR  
INGRE

## CENÁRIO

Paredes negras. Uma escada branca se projeta do meio da cena para o fundo, desaparecendo no mesmo. Um piano com iluminação circunscrita ao seu redor e uma poltrona iluminada do mesmo modo.

## CENA ÚNICA

Ingre está sentada ao piano e toda a «Passionata» de Beethoven. Algum tempo depois aparece Omar da escuridão e vem descendo lentamente a escada. Senta-se na poltrona.

INGRE — (*Terminando a execução*) — Há um mês que não faço outra coisa a não ser tocar piano... tocar... tocar...

OMAR — (*Fascinado*) — É belo! Maravilhoso. Para mim, se fosse possível, não sairias daí. Só tocarias... sempre... sempre...

INGRE — (*Levantando-se do piano e caminhando para um canto escuro, onde não é vista*) — Sei disso... mas existem certas circunstâncias...

OMAR — Circunstâncias?...

INGRE — (*Do escuro*) — Sim... Circunstâncias humanas... Já estou odiando este piano. Houve um grande erro entre nós. Não te interessas por mim. Minha única função é servir de instrumento. Para ti represento a mesma coisa que o piano: um instrumento através do qual podes ouvir boa música. Apenas um instrumento...

OMAR — (*Levantando-se e rindo para escuridão*) — Não querida, estás cometendo um erro e uma injustiça. Ainda não conseguisses atingir a intensidade do meu amor por ti. Ele é vigoroso e incomum. Precisas compreender que um amor tão particular, tão característico, transcende ao que tu chamas de «certas circunstâncias». Está acima delas, não sofre a sua ação.

INGRE — (*Caminha e senta-se no braço da poltrona*) — Estas circunstâncias são humanas, querido. Eu te quero muito, mas não posso ficar em uma atitude platônica. Tenho fundamental necessidade de coisas simples. Preciso, como toda mulher de afeição. Preciso sentir que és meu...

OMAR — (*Encostando-se ao piano*) — Lesses aquele livro de Gide que te emprestei semana passada?



Ilustrou MOACIR FERNANDES

INGRE — Les cahiers d'André Walter?

OMAR — Sim. Notaste o grifo que pus naquela frase: «Amar só pela salvação uma alma que também assim vos ama...»

INGRE — É possível amar só assim, Omar?

OMAR — Porque não? (*Vai sentar-se na poltrona e a enlaça*) — Porque macular este amor com coisas mecânicas, carnais? Porque não transcender aos fatos circunstanciais e medíocres do amor? Amemo-nos pela alma... Com intensidade. Com loucura até. Fugamos da vida cotidiana para a vida dos anjos...

INGRE — Mas Omar... Onde está o teu senso de realidade? Não achas já seres bem maduro para falar em anjo?

OMAR — Minha pobre Ingre. Porque não ser anjo? Nós podemos viver a vida dos anjos. Aqui. Em nossos domínios, nos quais ninguém entra. Tua música, minha poesia. Porque não sermos anjos?

INGRE — (*Abandona o braço da poltrona e vai encostar-se ao piano em frente a Omar*) — Isto tudo é estapafúrdio. Acho ser chegado o momento de falar-nos seriamente sobre um assunto que a muito me vem torturando.

OMAR — Mas querida... Porque falar em problemas agora? Já te esqueceste que estamos no mundo dos anjos? No mundo dos anjos não há problemas. Tudo é paz, bonança... Gozemos a plenitude da inocência espiritual. Abstrai tua condição humana, vamos ser apenas anjos...

INGRE — Não Omar. Não tentes. Deixa que diga o que preciso dizer, agora...

OMAR — Está bem, já que queres quebrar o encanto...



INGRE — És um anjo ou uma besta? Quando casei contigo já tinha ouvido bastante comentários sobre tua vida. Tuas amantes. Teus escândalos quando estavas alcoolizado. Teu sensualismo bárbaro. Enfim, tudo o que me contaram sobre ti, só podia levar à conclusão de seres uma besta... Agora me falas em anjos... de vida para e inocente. Da plenitude do amor. Rue poderei eu pensar em tudo isto? — Passas horas e horas fora de Casa. Não abandonaste. Que conclusão tirar? Qual será o nosso fim? (Volta a sentar-se ao piano. Executa em surdina «La plus qui leste», de Debussy).

OMAR — Não nego isto e não nego nada do que te contaram. Mas aqui é outro mundo. As coisas que te contaram são acerca da minha vida no mundo dos homens. Nós dois, porém, devemos viver no mundo dos anjos. Para mim só haverá um anjo visível: tu e para ti: eu. Contudo vivemos entre miríades deles. Per acaso já lestes a Bíblia? Conheces as epístolas de S. Paulo? Ele escrevendo à Igreja de Corintos disse: ... é necessário que este corpo corruptível se revista de incorruptibilidade, este corpo mortal se revista de imortalidade. Nesta frase tens a essência do nosso mundo, o mundo dos anjos: incorruptível e imortal. Minha vida lasciva, meus atos imorais, minhas inconseqüências e contradições são do mundo dos corruptíveis e mortais. Aqui teremos a plenitude da vida. Vida exuberante de paz.

INGRE — (Parando de tocar. Com ironia) — Então diariamente tens duas fases na tua vida? A da besta e a do anjo?

OMAR — Sim... Duas fases...

INGRE — E eu? Vou viver eternamente a vida de anjo? Por acaso não terás direito de viver um pouco a vida das bestas?

OMAR — (Ingre como que procurando um ponto de fuga reconhece a tocar) — Não te iludas, Ingre. Se soubesses o quanto é torturante a vida da besta. O que sofremos. Quero te oferecer uma vida a parte. Uma vida em plenitude. Porque te levar aos lugares frequentados pelos corrompidos? Porque torturar teu espírito?... Se soubesses o valor desta nossa vida aqui. Se por acaso adivinhasses quantos estão sequeiros por ela. Não estarias assim. Quero te evitar a desilusão dos corrompidos, pois depois é impossível vir a viver como nós. Eu só o consigo porque tu estás virgem de todas essas influências. O apóstolo S. Paulo, escrevendo aos Galatas disse: «Estou crucificado com Cristo; logo já não sou eu, o que vivo, mas é Cristo que vive em mim». Eis o nosso caso: eu estou purificado contigo; és tu quem vive em mim. Se eu te mostrar a outra vida, quebrar-se-á o encanto, ficaremos reduzidos a dois corrompidos.

INGRE — (Sem parar de tocar) — É tudo tão confuso. Meu amor por ti é maior do que pensas; pois do contrário já te teria abandonado há muito tempo. Acho fascinante a vida de «anjo». É maravilhoso o princípio de amor do «Les cahiers d'André Walter»: Amar só pela alma uma alma que também assim vos ama... Mas falta um elemento vital em tudo isso, precisas não esquecer que, antes de anjo, sou mulher...

OMAR — Mas...

INGRE — (Atalhando-o) Deixa-me falar... Sim, antes de anjo sou mulher. Mulher que possui desejos e quer ve-los satisfeitos. Mulher que ama e deseja a posse absoluta do seu amor. Tenho todos os sentimentos comuns: Sou vaidosa, gosto que elogiem minha beleza, minhas formas. Gosto que falem de minha música. Sinto necessidade de ser cortejada, de ter homens ao meu redor. Só amo a ti, só a ti quero, mas necessito da corte e dos galanteios dos outros. Há uma diferença fundamental entre nós: Tu só procuras viver como anjo, a pós teres satisfeito todas as tuas manifestações de besta, e exiges que eu seja anjo, sem ter antes me completado como besta. Já viesses algum grande santo que antes não fosse um devasso? — Tu, que gostas muito de fazer citações ouve esta frase de Buda: «O absoluto constitui a negação de tudo o que é limitado, e não pode ser nem descrito, nem compreendido pelos processos ordinários do intelecto» — Queres que negue a mim mesma? Como todo ser humano sou relativa. Não posso viver absolutamente. É impossível que seja apenas anjo, tenho necessidade, como tu, de ser um pouco besta. Porque não criamos para nós o mundo absoluto dos anjos? Aqui poderíamos fazê-lo plenamente, mas não me segrgues. Não me prendas, deixa que viva conti-

go as duas vidas, assim nos completaremos com muito maior pujança.

OMAR — O que quero evitar é que te realizes completamente. Quando isto acontecer perderás a finalidade de ser. Tua música e o espírito criador da tua execução só permanecerá enquanto viveres na angustia por te completares. Nos livros sagrados Mundaka-Upanisha encontrei o seguinte: «Aquele, cujos desejos tiverem o seu cumprimento, e que tem consciência do verdadeiro Eu, se lhe esvanecem os desejos mesmo aqui na terra». Aproveita a minha experiência. Não tentes te realizar completamente. Da insatisfação do que somos e da angustia torturante do que queremos ser é que nasce a arte. Não te realizes «in totum». Coloca tua ânsia na arte...

INGRE — (Levanta-se) — Bem, não é possível discutir mais. Preciso te dizer uma coisa... Há tempo que o estou tentando fazer, mas não há jeito. Precisas lembrar-te nisto tudo que eu já sou mulher. Não é mais a menina de dezoito anos com quem estás tratando. Já tenho vinte. Dois anos casada. Dois anos de atroz espera. Noite após noite. Tua vida... teus escândalos, me exitam mais e mais e eu espero... espero... Dois anos, dois anos que espero por ti. Noite após noite. Mas me queres apenas para anjo... Se não quiseses que eu mesma leve minha vida de besta, não te esqueças disso: eu já sou mulher... já sou mulher...

OMAR — (Ingre senta-se na poltrona. Omar aproxima-se e segura seu rosto entre as mãos) Minha pobre Ingre... Tão bela e tão estúpida da como todo ser humano. Porque macular nosso amor com o contacto carnal? Porque não amar só com a alma? Ingre, aproveita minha experiência. Eu quero poupar-te o caos da perversão. Quero retirar-te do cotidiano. Vive aparte! Se tu mesma. Acho que não compreendes bem...

INGRE — (Decidida) — Não, Omar. Não é mais possível. Lembra-te disso: sou mulher e preciso me realizar como mulher e o farei, seja de que modo for.

OMAR — Está bem! É impossível querer convencer-te (Toma uma chave do bolso e a entrega a Ingre) — Toma, está é a chave do nosso paraíso. Vai... Leva a tua vida de besta. Satisfaz, ao teu erotismo e à tua paixão. Um dia, quando quiseres ser anjo volta e seremos anjos para sempre... (Sobe as escadas com vagar. Ingre vai ao piano e começa a tocar a Pastoral, de Beethoven).

AVIAMENTO DE RECEITAS,  
FEITO COM TODO CUIDADO  
E SEMPRE POR PREÇOS SEM  
CONCURRENCIA.

na FARMACIA MODERNA

de EDUARDO SANTOS

Rua João Pinto, 4 - Telefone, 1375

FLORIANÓPOLIS

MARÇAL

Um café superior, para o seu paladar apurado

Fabricante: A. LISBOA

BIGUAÇU — STA. CATARINA

À venda nas boas casas do ramo

# Tiraram uma jovem do mar

EGLÊ MALHEIROS

Foi bem cedo, mal amanhecera; o mercado ainda tinha cara de sono e o «gigante deitado» estava coberto de nuvens, no calma constante das montanhas que não escoldem vulcão. O mar estava quieto, batendo de leve no muro; os homens chegaram; iam calmamente continuar a conversa quando viram a moça boiando, pertinho dali. Com um pau eles a puxaram; ela foi içado, a roupa colada ao corpo (um corpo bonito e que provocará olhares) os cabelos empastados no rosto, olhos acinzentados e um jeito na boca que bem podia ser sorriso.

Já se havia formado um grupo em torno da suicida. O homem que a vira em primeiro lugar, virou-se para o outro:

— Te digo, home! Não é que eu ia te falar dela mesmo? Ia te dizer que ela tinha caído na vida, e ...

— E ela caiu foi no mar! Com certeza foi depois de alguma bebedeira, essas diabais ...

— Não sei não, de home prá home, ela era louca, mas bonita e boa.

— «Boa» ela era, sim!

— Não, boa de coração; mentia que nem sei; inventava e parece que acreditava depois; nem tem conta as vez que eu encontrei ela chorando, eu consolava, ela ria um riso bom, e no outro dia eu via que era mentira.

— Espertalhona que ela era.

A jovem, 18 anos no máximo, largada no chão, tinha folhas semi-apodrecidas grudadas na pele morena dos braços, e um jeito no rosto de quem está a sonhar. Era ela a Cumparsita. Por muito tempo andara pela cidade. Tardes e tardes a fio ela passava andando de ônibus enquanto se contava histórias

lindas, e ela se transformava em artista de cinema, em mulher do governador, em noiva daquele moço bonito, em mãe daquela criancinha tão gorducha ... Por fim ela não sabia mais quem era ao certa, deixou de ir àquela casa aonde recebiam debaixo de pancada. Muitas vezes quando ela achava bonito um rapaz elase chegava e dizia; eles pareciam não acreditar que ela gostava deles e se retiravam. A Cumparsita não sabia que a franqueza de que ela usava era a principal causa para a julgarem insana, ela não sabia mesmo porque é que dizia aquilo tudo.

Quando ela deixou de ir àquela casa em que apanhava, passou umas noites meio mal, até que lhe ofereceram pousada. Ela aceitou e pagou, com o corpo, e dormida e o café. Depois era sempre assim, de dia, toca a andar, a contar histórias tristes para que a consolassem ou alegre para rirem com ela, de noite ficava pelo mercado e sempre aparecia alguém que a tomava pela cintura e delicada ou brutalmente a convidava para dormirem juntos. Ela ia, contando-se mentalmente histórias bonitas. Se lhe perguntavam o nome, dizia rindo: «Cumparsita», nome que acordava em alguns lembranças de bailes, de apertões, de namoricos, em outros despertava recordações de alguma dansarina lasciva e longinqua desejada na adolescência. «Cumparsita», era bem ela, música espontânea, da povo, sensual e ingênua, traçando na letra o que seria ela um dia: «La Cumparsa, de misérias...» Às vezes a lua era uma claridade redonda espalhando dourados assimétricos pelas nuvens e pelo mar. Cumparsita ficava a imaginar que o homem que estava ao seu lado era seu noivo, que lhe falava que nem o mocinho daquele filme ... No outro dia ala saía a narrar a história de seu noivado, chegava mesmo a procurá-lo.

Uma noite ela bebeu demais, êle foi embora sem a levar; o trapiche era longo, longo ... e lá no fim o mar estava tão bonito, tão dourado ...

A ambulância veio, levou a Cumparsita. Os jornis noticiaram: «Tiraram uma jovem do mar», a Cumparsita, a última que sabia viver em sonho!

## ATUALISMO DE CRUZ E SOUZA (Conclusão)

«Ronald de Carvalho». E também Agripino Grieco. E Andrade Muricy, Nelson Verneck Sodré, Fasso da Silveira, etc. tem falado com mais simpatia do inditoso poeta negro. Ultimamente uma das vozes que mais se tem batido por Cruz e Souza é a de Roger Bastide. São vários já os trabalhos de Bastide, situando a obra e o vulto de Cruz e Souza no devido lugar.

Atualismo de Cruz e Souza! Por que?

Porque Cruz e Souza abriu caminho para as correntes modernas, dando mais liberdade ao verso, dando-lhe uma maleabilidade que não era possível com o parsonianismo tão rígido, tão inflexível, tão apegado à forma.

Atualismo de Cruz e Souza porque muitos dos primeiros modernos foram simbolistas, se iniciaram, fizeram seu aprendizado do verso no simbolismo, se liberando aos poucos.

Atualismo de Cruz e Souza porque, também os modernos, como êle, ainda que agrupados sob uma mesma bandeira, são independentes. Cada um traça o seu rumo e o apaga depois que desaparece. Não forma escolas. Não tem seguidores, alunos. Tem admiradores, mas meros admiradores que também fazem caminho próprio.

Porque poesia é isto: é o poeta dar sua mensagem, dizer o que tem a dizer sem se preocupar com escolas sem se guiar por quem quer que seja, sem ligar a opinião, fazendo sempre o que acha que deva ser feito.

E Cruz e Souza fez isto. Deixou que o chamassem de presunçoso, de convencido, de... de tudo o mais. Ele estava certo de ter razão. E que o futuro lhe daria o lugar merecido.

«Corria-lhe nas veias», diz ainda Ronald de Carvalho, aquela gota amargurada de sangue africano que o nosso pruído de arianismo duvidoso regeita com intolerância ou somente admite com uma reserva condescendente e superior.»

Mas foi «aquela gota amargurada de sangue africano», que o fez enfrentar todas as afrontas com galhardia. E aguardar o julgamento do futuro. Ele tinha certeza de um dia ser compreendido, lhe dariam razão, lhe reconheceriam o valor. E acertou.

# CRISTO DE BRONZE

**CRUZ E SOUZA**

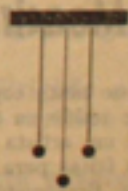
Ô Cristos de ouro, de marfim, de prata,  
Cristos ideais, serenos, luminosos,  
Ensanguentados Cristos dolorosos  
Cuja cabeça a Dor e a Luz retrata.

Ô Cristos de altivez intemerata,  
Ô Cristos de metais estrepitosos  
Que gritam como os tigres venenosos  
Do desejo carnal que enerva e mata.

Cristos de pedra, de madeira e barro...  
Ô Cristo humano, estético, bizarro,  
Amortalhado nas fatais injúrias...

Na rija cruz aspérrima pregado  
Canta o Cristo de bronze do Pecado  
Ri o Cristo de bronze das luxúrias...

Ilustrou  
**MOACIR FERNANDES**



Leia no próximo número:

## Fidelidade feminina

Conto de SALIM MIGUEL

## Um homem sem paisagem

(Peça em um ato, de ODY F. e S. — Levada à cena em 7 de Novembro de 1947 pelo Teatro de Câmera do C. A. M.)

### DIAMANTE AZUL RELOJOARIA OTAVIO F. DA SILVA

Bijouteria - Artigos finos para presentes - Ancis - Canetas Parker - Tintas para canetas - Louças de porcelana Mauá - POLAROIDE - O moderno óculo para sol.

Para suas compras, procure nossa Relojoaria, que atenderemos com a maior solicitude.

Rua Trajano N. 19 (antiga prédio da Cia. Souza Cruz) FLORIANÓPOLIS

### FABRICA DE BEBIDAS - MARTE GASOSAS, GUARANÁ, XAROPE, KOLA MARTE, AGUARDENTE

### IRMÃOS MENDES & CIA. INDÚSTRIA E COMÉRCIO FILIAL BIGUAÇU

END. TELEGRÁFICO  
«PERINE»  
CAIXA POSTAL. 61

CONSELHEIRO MAFRA, 99  
FLORIANÓPOLIS  
SANTA CATARINA

## Sr. Doralécio Soares

Os de Sul deixam registrados aqui seus infintos agradecimentos pela colaboração prestada pelo sr. Doralécio Soares, na parte atinente às ilustrações deste número.

## Moacir Fernandes

Encontra-se nesta capital o escultor catarinense, Moacir Fernandes, que reside na capital federal.

Moacir é um artista de vanguarda e a prova do dito está nas ilustrações feitas para este número da nossa revista, pelo nosso visitante. Brevemente publicaremos um artigo de Ody F. e S. sobre Moacir Fernandes com o título: «Caliban, o monstro inocente».

# Balada do silêncio

Antonio Paladino

Nasce o silêncio no seio das horas,  
E se repete através dos dias e dos anos,  
E morre e nasce  
Numa sucessão indefinida de velhice e rejuvenescimento.

E vai parar em algum lugar  
O silêncio que nasce no seio das horas  
E a alma busca esse lugar,  
E a alma não encontra esse lugar.

A alma quer repouso  
A alma quer conforto  
Quer o silêncio que nasce no seio das horas.

A alma não encontra repouso.  
A alma não sente conforto.

Onde vai parar  
O silêncio que nasce no seio das horas?  
A alma sofre!  
A alma chora!  
A alma deseja!  
O silêncio que nasce e que morre

E ela não quer ser efêmera  
E ela não quer ser mortal.

A alma quer a vida  
A vida incomparável,  
Fugidia,  
Que refloresce  
No silêncio de todas as horas que passam.

### DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS  
DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: RUA TRAJANO, 29

Residência: RUA ALVES DE BRITO, 20

FLORIANÓPOLIS

# PALAVRAS DOIDAS

Salim Miguel

E elas vinham  
As palavras doidas  
Invisíveis e mornas  
No silêncio escuro e pegajoso da mente  
Linguas de fogo na imaginação gelada.

Lembrança de lugares dos quais  
Não se podia lembrar  
Pois nunca os visitava  
Lembranças de coisas feitas que  
Não devia lembrar  
Pois nunca as fizera.

Saudade enorme de todo um mundo  
Subconciente  
Saudades das coisas não realizadas  
Porque nunca sonhadas.

Palavras doidas  
Que chegavam na noite silente  
Quebrando a monotomia  
O ritmo normal e pacato  
De tudo.

Palavras doidas  
Confissão  
Das coisas imensas e não confessadas  
Imagens  
Não imaginadas  
Palavras doidas  
Lembrando a pureza  
Do Homem  
Liberto  
E preso  
Sózinho  
E rodeado de vultos amorfos  
De sombras disformes  
No mundo invisível  
De seu «eu» medonho.

# Marques Rebelo virá a Florianópolis?

Segundo noticiou um jornal carioca, dentro de breve, deverá vir a Florianópolis o escritor brasileiro Marques Rebelo, que tem viajado vários Estados do país e alguns países estrangeiros, apresentando uma mostra da pintura contemporânea brasileira e realizando conferências sobre arte.

Segundo o órgão da imprensa carioca, Marques Rebelo virá a convite do sr. Secretário da Educação e Saúde, dr. Armando Simone Pereira. Esperamos que seja esta nota concretizada, pois nós bem que estamos precisando de visitas como esta.

## TEATRO DE CÂMERA DO CAM

*Apresenta para breve o seu próximo lançamento*

### *Um taciturno*

*três atos de*

*R. Martin du Gard*

*Uma peça de análise dos entrecosques do espírito humano.*

*O drama de um homem que possuía um amor inconfessável.*

Todo e qualquer livro dirigido a esta Revista, independentemente de crítica assinada, será registrado.

Desejamos manter contacto e permuta com outras publicações.

## «S U L»

YVONNE JEAN

«SUL» é uma revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis. Tenho em mão o segundo número da revista. Fiquei interessada, pois dei-me conta de que procura exprimir o pensamento e os anseios dos jovens. Emprego a última palavra dando-lhe o seu sentido completo; não basta ter poucos anos de idade para merecer o belo título de jovem. O verdadeiro jovem é entusiasta, curioso, aventureiro, revolucionário, progressista, inimigo dos caminhos traçados. Os jovens de «SUL» parecem desejar o afastamento da rotina sem perigo, mas também sem alegria. Procuram integrar a arte no quotidiano, compreendendo, como o explica um artigo, que deve fazer parte da vida e evoluir com ela e atacam os problemas sociais, como, por exemplo, o caso da «Mocidade-Gibi», analisado por outro colaborador.

Ultimamente, revistas de jovens surgiram em diversos Estados. «Joaquim» é a mais conhecida. Santa Catarina não demonstrou, até agora, muito interesse pela arte moderna. Tinha-se a impressão de que poucos procuravam alargar horizontes delineados por hábitos tradicionais. É bom verificar que a mocidade está despertando.

Há interesse pela literatura universal, a pintura contemporânea, o bom teatro. O Círculo de Arte Moderna está ensaiando uma peça inédita no Brasil, de Roger Martin du Gard, após ter representado peças de Pirandello, Bernardo Shaw e do jovem catarinense que é, também, o diretor da redação de «SUL», Ody F. e S. (Por que estas iniciais depois do nome? Parecem indicar um desejo de excentricidade. Mas, como Ody F. e S. dá a impressão de possuir talento, não precisa de truques para se singularizar. Se puser sua alma nas suas obras, isto bastará para comprovar sua originalidade).

Uma senhora — Eglê — que publica um poema, única colaboração feminina no número 2 de «Sul», muito ajuda o Círculo, emprestando-lhe sua casa para os ensaios, proporcionando um ambiente agradável e trabalhando nas peças. Já que a única colaboradora feminina da revista faz tão bom trabalho, sugiro à redação que procure acordar nas moças catarinenses o espírito de participação, pedindo-lhes colaborações e permitindo-lhes ingressar na jovem comunidade artística de Florianópolis. É preciso ajudá-las para que emancipem seu espírito e desenvolvam sua personalidade.

Darei outro conselho, porque acredito que a crítica sincera é construtiva e só permite ir para frente. Acho que «Sul» deverá dar menos espaço aos artigos estrangeiros. São ótimos, melhores do que novíços poderiam escrever. Mas a finalidade de uma revista de moços é de dar uma oportunidade a todos que desejarem fazer ouvir sua voz, integrar-se num movimento novo e unir-se através da arte. Deve proporcionar contactos. «Sul», não deverá, naturalmente, deixar de divulgar os grandes movimentos literários mundiais e perder o contacto humano universal. Mas, em lugar de se contentar em traduzir artigos atribuídos pelo Serviço Francês de Informações, deveria assimilá-los e fazer deles um ponto de partida próprio. Devem existir muitos jovens catarinenses ansiosos de progredir. «SUL» deve facilitar-lhes o caminho, oferecendo-lhes sua documentação e abrindo-lhes suas páginas. Haverá algumas tentativas falhas, mas será um primeiro passo no caminho da evolução através da arte.

Só me resta desejar boa sorte a um grupo que dá a impressão de ter optado pela direção progressista que permite o desenvolvimento espiritual.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Rio, 15-4-48.

# Notícias bibliográficas

(Sob os auspícios da Livraria Rosa - rua Deodoro, 33 - Florianópolis)

por J. T. ROSA JÚNIOR

«E agora que fazer?» — Acaba de sair, em 2a. edição, pela Editora Cupolo Ltda.

Seu autor, Tilo Batini, obteve, com o referido romance, «Prêmio Sannel Ribeiro».

O romance foi escrito na prisão, onde se achava o autor que, como jornalista, por motivos políticos, fôra condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional.

«O Livro» — Esta excelente revista que se edita em Curitiba, acaba de atingir o número 100, ano IX. Como os demais números, traz excelentes artigos e reportagens, todos ilustrados, com numerosos clichês.

«Para Outra ler na cama», de David Nasser, continua sendo procurado e lido com aridez. David Nasser promete, para breve, um novo livro que se intitulará «A CRUZ DE JERUSALÉM».

«Raízes do Brasil», da «Coleção Documentos Brasileiros», dirigida por Otávio Tarquínio de Souza e editado pela Livraria José Olímpio, acaba de surgir em 2a. edição, revista e ampliada. Dessa obra, de Sergio Buarque de Hollanda, já se disse constituir «uma espécie de psicanálise da nossa terra».

## LIVROS RECEBIDOS

«Um Rosto Noturno», de Reinaldo Moura, edição da Livraria do Globo, P. Alegre na coleção Tucano, enviado pelo autor.

«Poesias Completas», de Manoel Bandeira, em Edição da Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil, Rio. Este volume inaugura a Coleção «Poesias» da referida Editora.

«Sonata ao Luar», de Dalton Trevisan, enviada pelo autor.

«A tragédia dos Lemos» de Carlos Peixoto de Melo, edição do autor, enviado pelo mesmo.

## REVISTAS RECEBIDAS

«Joaquim» n. 17, Curitiba, direção de Dalton Trevisan.

«Orfeu» n. 2, do Rio, direção de Fred Pinheiro e Fernando Ferreira.

«Atualidades», março 1948, de Florianópolis, direção de E. I. Kuehne.

## VENDA AVULSA DE SUL

«SUL» encontra-se à venda na «Livraria Moderna» de Pedro Xavier & Cia. Rua Felipe Schmidt, 8.

# ESTATUAS QUEBRADAS

Anibal Nunes Pires



Ilustração de MOACIR FERNANDES

mãos desconfiadas, uma à frente outra atrás, parecendo esquivarem-se; o paletó com o botão na casa errada, atraíam olhares furtivos, olhares críticos, intronitados e observadores. As mãos estão sofrendo o martírio do desentendimento. Velhas amizades, jogadas pelo destino ao fracasso inevitável. Numa convivência de 30 anos, trabalhando juntas, lavando-se mutuamente, modelando, vivendo, enfim todas as alegrias e todos os desgostos, não era possível a existência da dúvida e da prevenção. Elas se levam, empalmam-se para o céu e dois olhos vidrados, cheios de angústia, penetram-lhes a carne. Mais rápido que o movimento de um passo, juntam-se nervosas aflitas e desoladas e suarentas. Suor frio. Suor de morte.

— Nosso dedos não sentem mais a matéria, estão indiferentes aos objetos. Ficaram loucos, dobram-se, e distendem-se, contraem-se, crispam-se e tremem modelando o nada. Eu vi, a xícara quebrou-se sobre a mesa amarela. Tivemos a certeza da nossa morte. Quem dará forma aos blocos de gesso? Quem manejará, com segurança, o buril, os instrumentos?

As mãos afastaram-se e penderam, oscilando no fim do braço.

No mundo mental, o cérebro construía uma estátua subjetiva. Uma escultura, nunca exteriorizada, inédita, será a obra prima que os olhos do mundo admirarão para o resto da existência.

Um, dois, três, quatro passos apressados e pronto... o prédio do atelier à vista.

Uma batida na porta; mãos no lado de dentro, rodam a maçaneta e a porta se abre. Uma escada, outra escada, outra mais e lá no alto a água furtada, o atelier. Ténis, Diana, Jupiter, Netuno, Venus, o louco cabeças, pernas e braços povoam o ambiente.

Aos instrumentos, ao bloco amorfo de gesso, à concretização da obra prima subjetiva! O cérebro determina o primeiro golpe e as mãos mortas, os dedos mortos não lhe imprimem a intencionalidade necessária. O segundo golpe e a ferramenta escapa-se dos dedos e cae no chão amarelado. O cérebro. A xícara quebrada sobre a mesa amarela. Os dedos crispados, tremendo. As mãos em concha para cima e olhos aterrados penetrando-lhes as carnes. Pendem oscilando abandonadas no fim do braço. Vagueiam pela sala. Momentos de tédio e uma angústia invenível termina por dominar o cérebro.

Os olhos aterradores olham a Temis, olham as mãos que alcançam uma ferramenta pesada. As mãos não estão mortas, as mãos não estão mortas. O primeiro golpe e a Temis se espedaça no chão amarelo. O segundo, o terceiro reduzem as estátuas a fragmentos pelo chão amarelo. Eram cacos de xícara sobre a mesa amarela.



**VICTOR DA LUZ FONTES**  
ENGENHEIRO CIVIL

PROJETOS - CÁLCULOS - CONSTRUÇÕES  
TOPOGRAFIA - URBANISMO

Rua Trajano, 14 - 2º andar  
FLORIANÓPOLIS

As mãos não atendem. Os dedos desgovernados tremem e não seguram o objeto. Cai a xícara sobre a mesa amarela, esparramando o café e salpicando a roupa toda. Um guardanapo branco, molhado em água morna é passado em vários pontos do paletó e da calça. O zum-zum, no bar, se eleva, por um momento, enquanto olhares curiosos convergem para a mesa.

As mãos não atendem. Uma corre em socorro da outra. Entrelaçam-se numa carícia mútua, confortadora de início e, progressivamente angustiosa, desesperante. Afogados, desejando salvarem-se mutuamente no mar sem limites. Separam-se; os dedos atiram-se, dobram-se e esfregam a palma da mão. As mãos não se entendem mais, os dedos desconhecem-se e movem-se continuamente, ritmicos, e ageis como e estivessem modelando o nada.

— Até logo!

A mão direita encontra uma outra que a imprensa e aperta. Os dedos contraem-se e distendem-se para tirar aquela sensação de esmagamento e fazem um botão do paletó entrar na casa errada.

As mãos, pendentes e abandonadas, saem à rua, em direção ignorada... e os dedos modelando o nada. A perna esquerda e a dextra à frente, a perna direita e a sinistra atrás, sempre naquele movimento monótono de passo certo, um dois, um dois, um dois ao longo da rua... e os dedos modelando o nada.

Não há mais sintonização entre o que transmite o cérebro e o que executam as mãos.

Extranha sensação nasce no mundo mental: O abandono, o divórcio entre o pensamento e as mãos que oscilam, lá e cá, com os dedos modelando o nada.

O automatismo dos passos apressados sobre os paralelepípedos, mal colocados, daquela rua sem fim; o desespero das

# Revolução na técnica da produção de filmes

por J. VEIGA

Copyright do BNS para  
Revista "SUL"

LONDRES — Os distribuidores e exibidores de filmes estão dizendo pelos jornais, que esse ramo de comércio está em crise. Quase não se passa um dia sem que o representante de um circuito exibidor, ou o gerente de uma companhia distribuidora, encontre oportunidade para fazer advertências sombrias sobre o desfecho provável da propalada crise; e os reporteres sempre presentes, espalham logo pelos quatro ventos as notícias de que, se não forem tomadas providências apropriadas e urgentes, a maioria dos cinemas do país terá de fechar as portas dentro de pouco tempo. Nesse ponto parece haver unanimidade entre distribuidores, exibidores e críticos de cinema. O que não se fica sabendo, com certeza, é a data exata, nem mesmo aproximada, em que se dará esse fechamento em massa de cinemas. A princípio, quando se originou a crise — admitindo-se que exista realmente uma crise em setembro ou outubro do ano passado, dizia-se que o estoque de filmes inéditos existentes no país só seria suficiente para alimentar as telas nacionais durante seis meses no máximo. Ora esse aviso alarmista foi dado há quasi seis meses, e até agora nem um só cinema foi fechado por falta de filmes.

Em que consiste então essa crise, de que tanto se tem falado? Em suas linhas gerais a situação se resume nisto: alarmado com as despesas que a importação de filmes estava custando ao país (só os fornecedores americanos arrecadavam 20 milhões de libras por ano, na Grã-Bretanha, ou seja aproximadamente 1 milhão e 500 mil contos) o Tesouro Britânico resolveu pôr um paradeiro a esse fabuloso dreno, e instituiu um novo sistema de tributação, mediante o qual todos os filmes estrangeiros exibidos no país passaram a pagar a taxa de 75% sobre a renda produzida. Desgostosos com esse novo estado de coisas os produtores norte-americanos, que são naturalmente os maiores exportadores de filmes no mundo inteiro, resolveram tomar represálias, e suspenderam a remessa de filmes para o Reino Unido, taxando o novo imposto de simples confiscação. Evidentemente, a Associação Americana dos Produtores e Distribuidores de Filmes visava com essa atitude forçar o governo britânico a uma retirada, mas, como o Ministro da Fazenda tem se mantido irredutível até agora, não vemos também nenhum indício de que venha a voltar atrás em futuro imediato, tudo leva a crer que a cartada dos americanos esteja perdida.

Enquanto isso, os cinemas continuam funcionando no mesmo ritmo de sempre, a despeito dos receios dos pessimistas. Nem os ventos frios do inverno, nem a neve que tem caído, copiosamente nesses últimos dias impede o londrino de passar alguns quartos de hora nas filas que se formam as portas dos cinemas à espera da vez de chegar à bilheteria. O espetáculo é o mesmo em toda a parte, seja no centro da cidade seja nos subúrbios. Mas, como é isso possível, se não há filmes? Realmente, como é possível? Em primeiro lugar, quando a Associação Americana dos Produtores e Distribuidores impôs o embargo à exportação de filmes para a Grã-Bretanha já havia no país uma certa quantidade de filmes inéditos liberados pela Alfândega, sob o regime antigo da tributação *Ad valorem*. Em segundo lugar, há o recurso aos filmes continentais, principalmente italianos e franceses. Nesse ponto devemos esclarecer que o imposto de 75 por cento incide igualmente sobre todos os filmes importados, seja qual for a sua origem. Isso, entretanto, não impediu os estudiosos de Paris e Roma de mandarem para cá suas produções. Depois do sucesso alcançado aqui pelo filme «Cidade Aberta» de Roberto Rossellini, o público britânico passou a olhar o novo cinema italiano como quem contempla uma

revelação. O choque produzido em seguida por «Viver em Paz» não parece ter sido menor. Fazendo a apreciação desse filmes escreve o Boletim mensal do British Film Institute: «Viver em Paz» custou provavelmente apenas uma fração das despesas de alguns dos melhores filmes britânicos; e, no entanto, ele possui aquele elemento importantíssimo que só se encontra nas grandes produções francesas, e que nem nós nem Hollywood conseguimos ainda captar atmosfera. «Viver em Paz» está há quatro meses no cartaz de um dos melhores cinemas de Londres.

Da França tem vindo um contingente maior, porque, como se sabe, os franceses são atualmente os maiores exportadores de filmes, depois dos americanos de 1945 para cá, os cineastas britânicos tiveram oportunidade de se pôr em dia com a produção francesa, da qual estiveram isolados desde o começo da guerra. Vários filmes feitos ainda antes da capitulação só puderam ser exibidos aqui nesses últimos três anos. Além disso outros filmes antigos, como «Atalante» e «Conduta Zero», de Jean Vigo; «A grande Ilusão», de Jean Renoir; «Poil de Carrotte» de Julien Duvivier e «Cais da Sombras» de Carné, têm sido reprisados de vez em quando. Em qualquer ocasião, há sempre pelo menos um filme francês em cartaz. E á medida que a produção francesa vai retomando o seu ritmo de antes da guerra os apreciadores do bom cinema vão aplaudindo filmes como «Enfants du Paradis», «Portas da Noite», «Panique» «La Balle et la Bette», e outras produções do mesmo quilate, que só os franceses sabem fazer.

Mas, voltemos à enumeração dos motivos que impediram até agora o fechamento de cinema. Além dos dois já citados, há ainda o estoque de filmes americanos antigos, de onde tem saído algumas reprises, ultimamente. Em quarto lugar, existe a produção nacional que afinal de contas não é das menores. Existem, em toda a Grã-Bretanha, cerca de 23 studios, e embora nem todos estejam produzindo no momento, a maioria está em fase de grande atividade. Ainda há pouco, o sr. Sidney Box, um dos mais ativos produtores britânicos, anunciou um plano de sua autoria, com o qual pretende revolucionar os métodos de produção até agora conhecidos. Disse ele que pretende produzir filmes de longa metragem em dez dias apenas, com a metade dos gastos normalmente. «O meu objetivo não é fazer filmes apressados» — disse ele a um reporter — «mas fazer filmes normais de longa metragem por métodos modernos». Esses métodos modernos, segundo Mr. Box, consistem no planejamento cuidadoso de todas as fases de produção, inclusive o preparo do argumento. Normalmente um produtor termina o seu dia de trabalho com dois minutos de filmes rodados; com a sua nova técnica Sidney Box espera rodar dez minutos de filme por dia. Embora exista muita margem para o racionalização do trabalho nos studios, receio que esse plano vise atingir um objetivo um tanto absurdo: a *taylorização* da produção artística. Em todo caso, se a nova técnica de Sidney Box conseguir o aceleramento da produção, dentro de limites razoáveis, o embargo norte-americano terá resultado numa vantagem positiva para a cinematografia britânica.

Outra vantagem trazida, pela propalada crise de filme foi a inclusão de maior número de documentários nos programas regulares dos cinemas. Depois do excelente complemento «O Mundo é Rico» há a assinalar mais uma edição do periódico da tela «This Modern Age», série de documentários sobre temas da atualidade, patrocinada pela Organização Rank. Parodiando o livro famoso do professor holandês Renier, que perguntava se «São humanos os Ingleses», a nova edição de «Nossa Era Moderna» pergunta se os ingleses são artísticos. Para



## André Gide

A pedido do Circulo de Arte Moderna, realizará, dia 26 do corrente, no salão do Instituto Brasil Estados Unidos, o des. dr. Hercilio Medeiros, uma conferência sobre o grande escritor francês: André Gide.

## T. A. B. A.

Acompanhando demais membros da imprensa, viajou, por avião dos Transportes Aéreos Bandeirantes Ltda., à cidade de Laguna, um dos nossos redatores. Viagens por demais confortáveis e seguras como esta, garantirão à T. A. B. A. proeminente lugar entre as nossas empresas de comércio aéreo. T. A. B. A. é representada em nosso Estado pela Firma Z. L. Steiner e Cia, sita à rua Alvaro de Carvalho, 1

## José Silveira d'Avila

Esteve entre nós, onde realizou sua primeira exposição, o jovem pintor Catarinense José S. d'Avila.

José S. d'Avila que é bolsista do Estado e cursa atualmente a Escola Nacional das Belas Artes, expôs sob o patrocínio do Departamento de Educação.

Sua Exposição foi muito visitada e bem o merecia.

O jovem pintor trouxe em sua amostra telas de várias tendências, destacando-se algumas surrealistas, coisa inédita em Florianópolis.

Em nosso próximo número faremos comentários sobre a mostra, bem como teremos ocasião de publicar ilustrações e clichês de tela de José S. d'Avila.

auxiliar, a resposta, o filme expõe o estado atual das artes na Grã-Bretanha, colocando, de um lado, a música de Benjamin Britten e a Companhia de Bailados Sadler's Wells, e de outro o boogie-woogie e o swing. Como se vê, trata-se de um ensaio em contraste, que não pode levar a conclusão alguma, por mais brilhante que seja, Duvido muito que se possa dizer categoricamente e com propriedade que este ou aquele povo possua temperamento artístico ou seja destituído dele. Serão os franceses arrísticos, por exemplo? O intelectual francês certamente aprecia a arte, mas acontecerá o mesmo com o burguês da província?

Sem dúvida existe em todas as nações uma pequena minoria de apreciadores da arte em todas as suas manifestações, pessoas que sabem o que é arte e o que é imitação. Isso em relação às artes já estabelecidas, porque quando se trata de cinema o problema se complica. Muita gente não saberá dizer, com certeza, onde se encontra a arte no cinema, se nos filmes de Jean Cocteau, se numa comédia do Eddie Cantor. Antiguamente, não havia essa divergência acentuada de gostos porque o cinema era um só para as massas e para as elites. Quem gostasse de cinema gostaria de «Intolerância» e das comédias de Mac Senet, do «Encouraçado Potemkin» e de «O Lírio Partido». Só mais tarde, em consequência do próprio desenvolvimento da nova arte, foi que apareceu a necessidade de seleção, e a classificação dos filmes em bons filmes e maus, isto é, bem feitos e mal feitos. Mas, o mesmo se passa com a literatura, por exemplo. Quem confundirá uma novela de Daphne du Marier com um romance de Virginia Wolf? No entanto, ambas as autoras têm o seu público.

## TEATRO

### Sartre representado em Florianópolis



Ilustração de capa dos programas do Teatro de Câmara do C. A. M. -- realização de Moacir Fernandes

O Circulo de Arte Moderna realizou, a sete de maio, a segunda récita do seu teatro de Câmara.

Atendendo a pedidos foram repri-sadas as peças "O homem da flor na boca", de Pirandello e "Como éle mentiu ao marido dela", de G. B. Shaw.

Nesta noite foi estreada "As estátuas volantes", de Jean Paul Sartre (adaptação teatral da novela "O Quarto", por Ody F. e S.).

Nesta última peça foram lançados os dois novos elementos do C. A. M.: as srtas. Layla Freysleben e Ivete Gevaerd.

Comentários no próximo número.

## CRUZ E SOUSA

JOSÉ TITO SILVA  
(Do "Clube de Cooperação Cultural")

Oração proferida no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, pela passagem e comemoração do cinquentenário de morte de Cruz e Sousa.

Foi o Clube de Cooperação Cultural gentilmente convidado para organizar o programa de solenidade comemorativa do cinquentenário da morte de Cruz e Sousa, por essa figura modesta e brilhante que ora dirige os destinos do Instituto Histórico e Geográfico do Estado, o desembargador Henrique da Silva Fontes.

A êle, pois, que é um verdadeiro propulsor da cultura e a alma vivificadora de muitas instituições catarinenses, nós, os Cececiastas, queremos deixar patente os mais calorosos agradecimentos pela importante iniciativa que nos reservou.

Manifestamos agradecimentos, também, a valores beletristas que, accedendo aos pedidos do CCC, vêm contribuir com sua cultura para maior esplendor à festa do poeta Cruz e Sousa.

Rejubilamo-nos, outrossim, pela sincera e decidida adesão do Circulo de Arte Moderna que traz sua colaboração imprescindível à significação da solenidade, como entidade altamente cultural que é.

O dia de hoje marca o cinquentenário da morte de Cruz e Sousa. E falar de Cruz e Sousa na literatura é obra fácil e vasta, como estudar o fundo psicanalítico de sua poesia, sua situação na filosofia ocidental, etc.

Na literatura Cruz e Sousa foi o chefe do movimento simbolista no Brasil; movimento que segundo Bastide se caracteriza como a irrupção do espiritualismo filosófico, com fontes remotas em Platão. O exegeta francês estuda, em seu ensaio, com expressões supremas do movimento as figuras de Stefan Géorce, Cruz e Sousa e Mallarmé.

Tasso da Silveira valoriza e reputa de feliz a publicação de Roger Bastide sobre o simbolismo. De fato sua condição de estrangeiro permitiu-lhe, numa crítica objetiva e de literatura comparada, situar com a evidência justa o lugar do grande poeta catarinense entre os simbolistas mais notáveis.

Mesmo porque como estudioso estranho não se encontrassem em Bastide parcialidade nos desígnios ocultos, do paralelo resultou uma preeminência gloriosa para o Cantor Negro Florianopolitano.

Cruz e Sousa, artista mágico das palavras que tão bem dizem dos seus sofrimentos, possuía sensibilidade elevada. Nunca numa obra se viram estampadas tão claramente, mas com certa exaltação, as condições sociais que a côr é capaz de impor ao homem, como a que escreveu e viveu Cruz e Sousa. Pode-se dizer que em suas poesias sociais e religiosas, sempre tingidas daquela côr negra, em que todas as imagens terminam ou envolvem o preconceito racial, a exaltação das formas claras, brancas, alvas, se debruçaram todos os gritos dos negros escravos do Brasil, se juntaram todas as bocas negras clamando contra as diferenças humanas.

Sociologicamente o poeta negro também oferece elementos para estudos, pois que só êle soube assumir, como outros vultos da história social, os aspectos e situações de uma classe desprotegida como a dos escravos, e dos homens de côr.

Dentro de sua alma residiam oceanos de ira; seus versos subjetivos mostram as verdades do seu mundo, um mundo cheio de gritos de revolta, de desilusão que tem origem na condição natural de negro, idéia fixa de inferioridade.

Eis como se expressa Agripino Grieco sobre o poeta, num artigo publicado em «O Jornal»: «Figura bizarra a do esteta que, como me dizia ingenuamente um dos seus fanáticos, nasceu com a noite na pele e uniu cruz no nome».

E mais adiante, continua o citado crítico: «Admirável Cruz e Sousa! Êle e Castro Alves são para mim as duas tupefações de nossa poesia. Cruz e Sousa embebeu-se em âmbulas e harpas. Havia um impulso megalomaniaco, um fausto de Bizâncio, meio selvagem, nesse brasileiro que tinha, em sua desconexão visual e auditiva, o gosto da imagem difusa, da alteração, da enumeração monótona, reincoindindo nas cadências das litânias sacras:

Ó Virgem branca, Estrêla dos Altars,  
Ó Rosa pulcra dos Rosais polares!»

Entretanto, como sôe acontecer com a maioria dos sofrendores morais, às vezes desaparece dos versos do vate a desgraça pessoal, e se revelam, em toda a plenitude, os horizontes vastos, desconhecidos. No drama imprevisito de metafísica, um mundo formidável e idealista. Cruz e Sousa é creador de formas, de idéias, de imagens. Os seus decassílabos, cuja regra quebra a métrica precisa dos Parnasianos, é uma prova de originalidade rítmica.

Poema de magnífica harmonia, de belas metáforas, «de luxo de palavras», e que retrata perfeitamente a condição do artista miserável—é a «Litania dos Pobres», que assim começa:

«Os miseráveis, os rotos  
São as flores dos esgotos  
São os espectros implacáveis  
Os rotos, os miseráveis.

São prantos negros de furnas  
Caladas, mudas, soturnas...  
São os grandes visionários  
Dos abismos tumultuários.»

Outra maravilhosa feição rítmica de Cruz e Sousa e aonde se sente a exaltação da côr, é a poesia Antífona. Particularidade digna de nota de Antífona é que nela se reúnem dois aspectos extraordinários do genial poeta catarinense: o preconceito da côr e o drama metafísico; num a dor moral, noutro o mundo diferente, novo, colorido, que o artista inconsciente revela.

Eis um trecho de Antífona:

«Ó formas alvas, brancas, formas claras  
De luars, de neves, de neblinas!...  
Ó formas vãs, fluidas, cristalinas...  
Incenso dos turbulos das aras...»

Formas do Amor, consteladamente puras,  
De virgens e Santas vaporosas...  
Brilhos errantes, mádidas frescuras  
E dolências de lírios e de rosas...»

Cruz e Sousa, apesar de destruir ou começar a Jeagir aos moldes da métrica precisa dos parnasianos, nem por isso deixa de ser parnasianista, em linhas gerais, como o demonstram a maioria dos seus versos.

Mas de que não padece dúvida é que foi um rebelado, um torturado e perseguido pela idéia de inferioridade, e é considerado hoje como um dos maiores expoentes da poesia simbolista, brasileira e universal.

Ouçam, diariamente, as audições da

ZYH-6 Radio Difusora de Laguna

970 kilociclos onda de 300 metros.

LAGUNA

SANTA CATARINA

BRASIL

Qualquer livro...  
(Romance, poesia, religião, técnico)  
de qualquer editora...  
(nacional ou estrangeira)  
ser-lhe-á fornecido  
(por Reembolso Postal, si quizer)

**LIVRARIA ROSA**

Rua Deodoro, 33 - Florianópolis

Eduardo Horn & Cia.

Representantes exclusivos pa-  
ra todo o Estado de Santa  
Catarina do afamado açúcar

**"PEROLA"**

Rua João Pinto — FLORIANÓPOLIS

## CÍRCULO DE ARTE MODERNA

*Apresentará breve a terceira récita  
do seu*

**Teatro de Câmera**

*com a obra de Martin du Gard*

*Um taciturno*

**Com:**

**Anibal N. Pires**

**Ody F. e S.**

**Eglê Malheiros**

**Ivete Gevaerd**

**Jason Cesar**

**PRODUÇÃO DO**

**Centro Acadêmico XI de Fevereiro**

**(da Faculdade de Direito de Santa  
Catarina)**

...

**Direção de:**

**O D Y F. e S.**

**Ponto**

**Armando S. Carreirão**

**Contra-Regra**

**Fúlvio Vieira**

## Carioni & Irmão

Tudo para o automovel

— Florianópolis —

IMPORTAÇÃO  
EXPORTAÇÃO  
CABOTAGEM

**ALVARO TOLENTINO JUNIOR**

Despachante aduaneiro

Telefone - 1423  
Caixa Postal - 244  
End. teleg. Morgado  
Rua Felipe Schmidt, 39  
Florianópolis — S. C.

## CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e crianças

gravatas

camisas

meias

cuecas, etc.

Exclusivista dos famosos calçados Scattamacchia

RUA FELIPE SCHMIDT, 3 — FLORIANÓPOLIS

NÃO USE CALOS MEU AMIGO

Com o famoso Método do "DR. SCHOLL"  
sob os cuidados do Especialista OSWALDO GOULART



O SALÃO RECORD

Mantem um Gabinete Especializado para livrá-lo de todos os males dos pés  
Atende de Segunda a Sexta Feira das 14 às 16 horas  
C/ HORA MARCADA

Praça 15 de Novembro, 21 — FONE 1696

CLÍNICA DE CRIANÇAS

— do —

**DR. M. S. CAVALCANTI**

Residência:

RUA PRESIDENTE COUTINHO, 23

Fone M. 732

Consultório:

RUA SALDANHA MARINHO, 16

Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

Ouçam a emissora sul-catarinense dos melhores programas

**Z Y O - 9**

**SOCIEDADE RADIO TUBÁ LIMITADA**

Estúdio e Escritório: Rua Lauro Müller, 1 — 1º andar

Caixa Postal, 71 — End. teleg. RADIOTUBÁ — Tel. 48

TUBARÃO — SANTA CATARINA

**Com. Ind. Fett Ltda.**

— Industriais e Exportadoras —

P I N H O

BRUTO — BENEFICIADO — CAIXARIA

Escritório: Rua 24 de Maio, 246 - Caixa Postal, 16

Florianópolis

Fábrica: CAMBIRELA